

---

CODINA, Víctor. *Diosito nos acompaña siempre y otros escritos al filo del camino*. Cochabamba (Bolívia): Grupo Editorial Kypus, 2013. 290p. ISBN 978-99954-97-12-5

---

Víctor Codina reúne neste livro uma série de pequenos artigos ocasionais, simples reflexões “al filo del camino” (poderíamos traduzir livremente por: “ao longo da estrada”). Dividiu o material por eixos temáticos: a fé dos pobres (p. 11-41), meditações bolivianas (p. 43-94), a Igreja a caminho (p. 95-145), o grito do povo (p. 147-167), apontamentos espirituais (p. 167-206), tempo de crise (p. 207-224), problemas pastorais (p. 225-290).

O título do livro é também o título do primeiro artigo. Constitui a exclamação espontânea de uma senhora que, tendo acompanhado um curso de formação para adultos num bairro popular de Cochabamba, resume seu conteúdo. Codina vê nessa expressão uma profissão de fé, uma “fórmula breve da fé”, como teólogos europeus (entre outros, Karl Rahner) procuravam elaborar nos anos 60-70 do séc. XX. A expressão “Diosito” (Deusinho) é estranha para nós no Brasil, mas traduz o carinho do povo para com o Deus que se aproximou de nós em Cristo. Codina a compara com o “Abba” de Jesus. Que ele nos acompanhe, é mostra de sua bondade e misericórdia presentes ao longo de nossa vida. Assim essa mulher pobre nos evangeliza, mostrando uma compreensão profunda da mensagem de Jesus e de sua novidade.

Este é o primeiro texto do eixo temático “a fé dos pobres”. Também os outros partem de experiências, como a daquela funcionária do correio que pede a bênção ao padre que foi buscar um pacote, ou daquele seminarista alemão, fazendo um semestre de teologia na Bolívia, que pergunta por que a teologia da libertação não nasceu em sua terra, onde há “excelentes faculdades de teologia, professores muito bons e ótimas bibliotecas” (p. 32). Codina lhe responde: porque lá não há pobres...

O segundo eixo temático se centra na Bolívia, que o Autor escolheu como pátria adotiva, “lugar geográfico e teológico” onde surgiram “todas essas reflexões dia a dia” (p. 45), reflexões que não têm caráter sociopolítico nem mesmo sociocultural, mas brotam da fé, da espiritualidade cristã. Pergunta o que significa “viver bem” que é viver em harmonia com a Mãe Terra. Dá conta do processo de mudança em que o aspecto cultural assume a hegemonia. Faz o elogio fúnebre de Gregório Iriarte, figura de

destaque para a reflexão teológica e espiritual na Bolívia. Descreve a caminhada histórica da Igreja desde a visita de João Paulo II em 1988 até a atualidade. Encerra este eixo com a parábola do jacarandá que ecoa como um grito de esperança.

O terceiro eixo intitula-se “A Igreja a caminho” e começa com um texto com o sugestivo e irônico título “Houve um Concílio chamado Vaticano II”, uma “informação” necessária em tempos de “inverno eclesial”. Estes textos em que fala de “tsunami eclesial”, “agonia da Cristandade”, “uma anciã chamada Igreja”, do choro do Papa Bento XVI diante das vítimas de abuso sexual de clérigos, do futuro talvez não tão promissor da vida religiosa, poderiam “levar ao pessimismo e a abandonar a Igreja”. Mas, na realidade, quer convidar a uma conversão ao Evangelho, a algo novo, a “uma Igreja mais simples, pobre, nazarena, mais laical e menos clerical, menos patriarcal, mas respeitosa de opiniões e culturas, mais de convicção pessoal que de tradição cultural, mas fermento que cimento” (p. 98).

O eixo “O grito do povo” traz três painéis: um na Europa e dois na América Latina. O primeiro é uma reflexão sobre uma migrante desconhecida que leva uma senhora em cadeira de rodas pelas “Ramblas” de Barcelona. O segundo comemora os 500 anos do famoso discurso de Montesinos (dezembro de 1510) denunciando a exploração dos índios pelos colonizadores espanhóis na Ilha “La Hispaniola”, hoje dividida entre a República Dominicana e o Haiti. Refletindo sobre as palavras de Montesinos, mostra sua atualidade depois de cinco séculos. O terceiro painel nos transporta ao Haiti do terremoto de 2010 e nos diz que é lá que podemos celebrar o Natal.

O quinto eixo é constituído por “apontamentos espirituais”. Codina logo anuncia que, contrariamente à opinião corrente, “espiritual” não significa “fora da realidade”, “desencarnado”. “Espiritualidade significa viver segundo o Espírito de Jesus” (p. 171). A primeira contribuição do bloco é muito sugestiva. O título é uma pergunta: “Que aconteceria se em vez de dizer...?” E se seguem especificações dessa pergunta genérica: se em vez de dizer Deus se dissesse Pai/Mãe; em vez de verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Filho do Pai; em vez de graça, Espírito Santo; em vez de Maria, Maria de Nazaré; em vez de Igreja hierárquica, Igreja apostólica; em vez de Sumo Pontífice, Papa; em vez de missa, eucaristia; em vez de leigos, batizados etc. O segundo apontamento usa a metáfora do Sábado Santo para o tempo de inverno eclesial. O terceiro reflete sobre a importância da letra “e” (em espanhol: “y”). De seu uso resulta união, mas numa tensão constante que somos tentados a transformar em disjunção que separa. A seguinte reflexão gira em torno de que “é preciso ajudar a Deus”, usando uma expressão da jovem judia Etty Hillesum que morreu aos 29 anos no campo de concentração de Auschwitz. “O cristianismo autenticamente entendido e vivido, e mesmo a oração cristã... são... compromisso, desafio para levar avante o Reino de Deus” (p. 193). Por fim, Codina denuncia a

“amnésia do Espírito” (p. 195), de que sofre a Igreja latina, e convida a acolher a “irrupção vulcânica do Espírito” (p. 198).

O sexto eixo “Tempo de crise” se dirige ao público do Primeiro Mundo, mas é escrito a partir do lugar social do Terceiro Mundo, da Bolívia. Fala da crise por que passa a “zona do euro” que foi como “o despertar de um letargo” (p. 211) e aponta que a crise é muito mais profunda que meramente uma crise econômica, é uma crise de valores que se torna assim uma oportunidade espiritual de descobrir o sentido da vida e abrir-se para a ação do Espírito do Senhor. Essa crise se manifesta claramente na forma consumista de festejar o Natal, transformado em festa do consumo, esquecendo o verdadeiro objeto da celebração. A terceira reflexão deste bloco pergunta se é proibido sonhar, iniciando com uma anedota de Carl Gustav Jung que, investigando os sonhos na África, entrevistou um ancião africano, que lhe disse que antes sonhava, mas, desde que os ingleses colonizaram seu país, deixou de sonhar, porque os ingleses diziam ter solução para tudo. Esse pequeno texto é um convite à esperança expressa no sonho.

Por fim, o sétimo eixo levanta alguns “problemas pastorais”, abordados muito criativamente. Hoje se fala do “átrio dos gentios”, espaço de diálogo com não cristãos sobre problemas que tangem a todos. Será que não se deveria falar de “átrio dos cristãos”, espaço para os cristãos que precisariam aprofundar sua fé? Defende a necessidade de construir pontes em pontos que se evitam enfrentar, fazendo rodeios, como é o caso da pastoral da crisma, do ministério eclesial, da “paroquialização” da vida religiosa, da formação dos leigos, etc. Sugere que hoje pode ser bom “desaprender” certas coisas que a pastoral tradicional nos ensinou para que não se acabe por “extinguir o Espírito”. Talvez a Igreja precise “fechar para reforma” para que apareça com novo rosto mais atraente aos nossos contemporâneos. Outro desafio que o A. nos apresenta é repensar a pastoral de forma a que a evangelização dos diversos segmentos da sociedade tenha presente o ideal de evangelizar a todos a partir dos pobres. Diante da atual crise das mediações somos convidados a revalorizá-las para não cairmos num “gnosticismo desencarnado”, como ocorreu naquela sequência de slogans-negações: “Cristo, sim; Igreja, não” → “Deus, sim; Cristo, não” → “religião, sim; Deus, não” → “espiritualidade, sim; religião, não”. Numa reflexão para a vida religiosa, Codina aborda a questão da velhice, outrora vista positivamente, como fonte de sabedoria, e hoje “descartada” como tempo inútil da vida humana. Por fim, há um convite a realizarmos uma “teologia narrativa” tão importante para que o cristianismo não seja uma decisão ética ou uma ideia grandiosa e se torne o que deve ser: um encontro com a pessoa de Cristo, como nos recordava o Papa Bento XVI na encíclica “Deus é amor”.

O leitor a quem a teologia de Codina é familiar poderá reconhecer nestes “textos menores” toda a riqueza que habitualmente se encontram em seus

escritos. Este livro é um convite para refletir sobre a realidade social e eclesial da América Latina.

Francisco Taborda SJ

---

GONZÁLEZ-CARVAJAL, Luis: *Las bienaventuranzas, una contracultura que humaniza*. Maliaño: Sal Terrae, 2014. 183p. 20 x 13,5 cm. Col. El pozo de Siquem 324. ISBN 978-84-293-2121-0.

---

As Bem-aventuranças (BA), com toda certeza, está entre os textos mais comentados dos Evangelhos, ao longo dos séculos. Importante baliza da vida cristã, afinal, é “elogiada por quase todos e seguida por tão poucos” (p. 9). O autor as considera “oito extravagâncias de Jesus” (p. 10) ou, mais radicalmente, “oito loucuras de Cristo” (p. 177). Mantendo-se fiel ao texto bíblico, pretende falar das BA a partir de suas perguntas e inquietações pessoais, “em uma situação histórica que, quiçá, não seja mais crítica que outras, mas, para nós, arrepiada de dificuldades” (p. 12). O texto reúne simplicidade e profundidade, falando uma linguagem para não iniciados em exegese. Está articulado em onze capítulos e um epílogo.

O cap. 1 explica o sentido do termo BA, *makarismós*, em grego, um gênero literário de origem sapiencial, disseminado pelo Novo Testamento. As BA de Jesus “rompem decididamente com os esquemas de felicidade do mundo”, propondo um “caminho paradoxal” (p. 18). Os Evangelhos comportam duas versões diferentes das BA (Mt 5,3-12 e Lc 6,20-26). As diferenças existem porque os evangelistas “adaptaram a seus ouvintes o texto que chegou até eles” (p. 22). Por fim, o autor levanta a questão de quando as BA se tornarão realidade. Considera que *já* chegaram, mas *ainda não* em plenitude e rechaça duas tendências: situar as BA exclusivamente no futuro e reduzi-las unicamente ao presente (p. 27).

O cap. 2 aborda o texto lucano, inserido no “Sermão da Planície” e composto de quatro BA e quatro maldições, em relação dialética. Este tipo de contraposição é frequente na Bíblia. As maldições, longe de apontar para o desígnio castigador de Deus, são advertências “precisamente para que não aconteçam” (p. 34). A BA dos pobres contrapõe-se à maldição dos ricos. Deus não pode ficar insensível em face ao escândalo da riqueza e do luxo, numa sociedade de pobreza e de carência, sem deixar claro de que lado está. A BA dos famintos contrapõe-nos aos saciados e fartos, os de barriga cheia que só pensam em si. Este contraste levou Jesus, mais uma vez, a declarar o pensamento de Deus. A BA dos que choram contrapõe-nos aos que riem e se divertem, insensíveis ao sofrimento alheio, o riso debochado e malicioso, às vezes, “alimentado com as lágrimas do próximo” (p. 43),

ignorando-lhe o sofrimento. Deus não pode se comprazer com essa gente. O autor omite aqui a BA dos perseguidos, a ser tratada mais adiante, quando se falar das BA mateanas.

O cap. 3 comporta uma introdução às BA em Mt, sobre as quais o autor se deteve mais largamente. Como fora feito com as BA em Lucas, aqui, também, elas são apresentadas em forma de díptico, ou seja, cada uma tem seu correspondente. No caso de Mt, à BA de quem sofre necessidade, corresponde a BA de quem se faz solidário, como se fosse “bem-aventurança ao quadrado” (p. 46). O número oito das BA tem um sentido simbólico: “a primeira criação aconteceu em sete dias e Cristo ressuscitou no ‘oitavo’”, símbolo da nova criação (p. 48). Elas são como um diamante com oitos reflexos (p. 49) e, em última análise, se referem a Jesus, “o bem-aventurado”.

O cap. 4 fala dos pobres em espírito. Quem são eles: os pouco inteligentes? Os que estão interiormente desprendidos de suas riquezas? Os pobres voluntários? Os pobres diante de Deus? Para o autor trata-se dos “pobres voluntários que se reconhecem pequenos diante de Deus” (p. 63). Isto corresponderia ao que, “a espiritualidade cristã deu o nome de ‘infância espiritual’” (p. 73).

O cap. 5 toca a BA da mansidão. Quem, outrora, era chamado de “manso”, é chamado de “não violento” (p. 77). O tema é recorrente no Evangelho, sendo a mansidão uma virtude que Jesus exige de seus discípulos. Ela só acontece na vida do discípulo capaz de vencer-se a si mesmo e não se deixar levar pelo ódio e pelo desejo de vingança.

O cap. 6 alude aos que choram. De que choro se trata? Por que motivos se chora? Para o autor, “a bem-aventurança pode referir-se, somente, ao sofrimento que nos vem sem que o tenhamos buscado de propósito” (p. 93). E são muitas as situações em que se necessita de consolo: a morte, o exílio, a tristeza provocada pelo pecado, o choro pelas infidelidades ao Evangelho etc. O consolo divino abre uma nova vida para o bem-aventurado.

O cap. 7 reporta-se aos que têm fome e sede de justiça. Justiça, no contexto evangélico, significa “cumprimento da vontade de Deus, que inclui, naturalmente, a justiça social, mas muitas outras coisas mais” (p. 103). O bem-aventurado tem acesso à vontade divina de variadas maneiras. Todas elas comportam exigências éticas que tocam de cheio seu modo de proceder.

O cap. 8 comenta a BA da misericórdia. Refere-se ao “ter o coração (*cor*) com os infelizes (*miseri*)... uma empatia focalizada nos sofredores” (p. 112), como Deus que é “rico em misericórdia” (Ex 34,6). Ela move o bem-aventurado a se solidarizar com quem passa dificuldade e o leva a perdoar, inspirado no agir divino.

O cap. 9 reflete sobre a BA da pureza de coração. Trata-se da pureza moral, para além das preocupações rituais ou religiosas. “Jesus insistiu, muitas vezes, que o importante não era a pureza exterior, mas a pureza

interior” (p. 131). Reduzir a BA ao tema da castidade seria estreitá-lo, na contramão do Evangelho. “Na antropologia bíblica – e, em geral, para os semitas – o coração representa o núcleo mais íntimo de uma pessoa; o centro unificador de seu ser, a fonte íntima de sua vida afetiva e intelectual” (p. 133). Ser puro de coração, portanto, consiste em deixar de lado as segundas intenções e o dolo nas relações com o próximo.

O cap. 10 volta-se para os “fazedores” da paz. O autor recusa-se a traduzir a palavra grega *eirenopoioi* tanto por pacíficos quanto por pacificadores. Prefere a tradução “os que trabalham pela paz”, “os construtores da paz”. Paz aponta para a “situação de plenitude, a salvação radical”, podendo ser “sinônimo de reino de Deus” (p. 145). Concretiza-se na reconciliação dos que vivem em discórdia e na reconciliação das sociedades dilaceradas por conflitos.

O cap. 11 trata da BA dos perseguidos por seguir o Cristo, presente em Mt e Lc. “‘Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça’ e ‘bem-aventurados os perseguido por minha causa (de Cristo)’ são expressões coincidentes” (p. 163). E têm a ver com o martírio! Porém, mesmo sem chegar à morte violenta, a BA acontece nas experiências de “ódio, desprezo, insultos, calúnias e exclusão” (p. 165). Somem-se a isto, o “ter que suportar um sorriso irônico ou sofrer discriminação sem perseguições, quase inofensivas” (p. 167). E as que vêm “das autoridades legítimas da Igreja” (p. 169), como as sofridas por grandes santos e santas, de outrora e do presente. Existe, na Igreja, “os ‘bem-perseguidos’ pela justiça”, como os pedófilos, os envolvidos por crimes financeiros com dinheiro da Igreja e outros. Os verdadeiros discípulos de Jesus, em meio às perseguições, jamais abrem mão da alegria, como aconteceu com os primeiros discípulos, referidos nos Atos dos Apóstolos.

O epílogo confronta o leitor com uma questão contundente: “É possível levar a sério estas oito ‘loucuras’ de Cristo?” (p. 177). Os santos foram capazes de vivê-las. Entretanto, “a grande dificuldade de tomá-las a sério se deve a que estejam em contradição com a cultura dominante e, por isto, com o que a sociologia chama de nossas ‘definições da realidade’” (p. 179), em geral, contrárias à do Sermão da Montanha, onde se inserem as BA. Jesus “estava convencido de que os novos valores só poderiam ser vividos numa comunidade de irmãos e de irmãs que creem na chegada do reino de Deus, que se ajudam mutuamente, nos quais as forças do reino já estão atuando”.

O texto de González-Carvajal recolhe muitos elementos da sabedoria do autor, que o permitiram ler as BA evangélicas numa perspectiva pessoal, sem entrar nos meandros das discussões exegéticas. Por isto, pode ser útil para cristãos adultos desejosos de viver sua fé iluminada por uma compreensão bem atualizada do Evangelho.

Jaldemir Vitório SJ